

 GALÁXIAS
DE BOLSO

CONSELHO EDITORIAL

Edimilson de Almeida Pereira (UFJF)

Eduardo Jorge (ETH Zurich)

Flavia Trocoli (UFRJ)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Izabela Leal (UFPA)

Marcelo dos Santos (Unirio)

Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR)

Raquel Stolf (Udesc)

Tiago Guilherme Pinheiro (UFSC)

Galáxias nem sempre tiveram esse nome. Até meados do século passado, eram chamadas universos-ilhas. Galáxias são formadas por corpos celestes, remanescentes estelares, poeira cósmica, gases, nebulosas e matéria escura. Sua extensão e densidade são variáveis. Podem ser elípticas, espiraladas ou ter forma irregular. Elas estão sempre em movimento. Galáxias são coleções de estrelas. Letras, linhas, pontos, redes de signos e manchas gráficas no papel formam uma galáxia. O intrincado trabalho das aranhas, a arte das armadilhas das teias, também. *Galáxias*: laços de letras lábeis tela têxtil telame aranhol (...) letreiros selva de símbolos. Berçários de estrelas, as galáxias nunca estão definitivamente terminadas. Seus limites são instáveis e confundem-se com outras formas: nuvem, nebulosa, aglomerado de partículas. Galáxias são formas abertas: seu centro é vazio, as formas circulam, ensaiam, não terminam de dizer aquilo que têm a dizer. São como palavras no céu. Livros são **galáxias de bolso**.

BRASIL-SINTOMA

Eduardo Sterzi

coord. Gustavo Silveira Ribeiro



Copyright do texto © Eduardo Sterzi, 2025
Coordenação da coleção *Galáxias de Bolso* © Gustavo Silveira Ribeiro

SUMÁRIO

COORDENAÇÃO EDITORIAL Bárbara Tanaka e Guilherme Conde M. Pereira
ASSISTENTE EDITORIAL Juliana Sehn
PROJETO GRÁFICO E CAPA Manoela Haas
PREPARAÇÃO DE TEXTO Guilherme Conde M. Pereira
REVISÃO Bárbara Tanaka
COMUNICAÇÃO Hiago Rizzi
PRODUÇÃO Letícia Delgado, Raul K. Souza e Sophia Martinez

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sterzi, Eduardo

Brasil-sintoma / Eduardo Sterzi; organização Gustavo Silveira
Ribeiro. – 1. ed. – Curitiba, PR: Telaranha, 2025. – (Coleção galáxias
de bolso)

ISBN 978-65-85830-36-2

1. Criatividade (Literária, artística, etc) 2. Ensaaios 3. Literatura
brasileira – Crítica e interpretação 4. Literatura brasileira – História
e crítica I. Ribeiro, Gustavo Silveira. II. Título III. Série.

25-309589.0

CDD-B869.909

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Apreciação crítica B869.909
Aline Grazielle Benítez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Direitos reservados à
TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
Outubro de 2025

Preâmbulo | 11

Brasil-sintoma: como viver na pós-história? | 15

A “rasura do trágico” como operação infinita | 49

Notas sobre os textos | 71

Brasil-Freud

Título de livro que, segundo Raul Bopp (1956), Flávio de Carvalho publicaria na Bibliotequinha Antropofágica, nunca realizada.

“É preciso entender que uma *posição crítica* implica em inevitáveis ambivalências; estar apto a julgar, julgar-se, optar, criar, é estar aberto às ambivalências, já que valores absolutos tendem a castrar quaisquer dessas liberdades; direi mesmo: pensar em termos absolutos é cair em erro constantemente [...].

[...] a condição brasileira, mais do que simplesmente marginal dentro do mundo, é subterrânea, isto é, tende e deve erguer-se como algo específico ainda em formação; a cultura (detesto o termo) realmente efetiva, revolucionária, construtiva, seria essa que se ergueria como uma SUBTERRÂNIA [...].”

Hélio Oiticica, “Brasil diarreia” (1970)



PREÂMBULO

Reúno neste livro dois ensaios cujas versões iniciais foram apresentadas oralmente e, depois, publicadas em livro apenas no exterior — o primeiro na Argentina, o segundo em Portugal. Sem os convites de Roxana Patiño e Mario Cámara para o evento de Córdoba, em 2015 (*Coloquio Internacional ¿Por qué Brasil, qué Brasil? Recorridos y prácticas críticas desde Argentina*), e de Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra para o da Guarda, em 2023 (*Colóquio Internacional Eduardo Lourenço: um tempo brasileiro breve, mas duradouro*), os textos não existiriam — pelo menos não no formato que tomaram. Agradeço mais uma vez, portanto, a eles pela convocação ao pensamento, à escrita e ao debate. Como agradeço, agora, a Gustavo Silveira Ribeiro pelo convite para a publicação deste livro na coleção *Galáxias de Bolso*.

Acredito que as palavras que escrevi para introduzir o primeiro texto na sua exposição como conferência de encerramento do evento argentino, em alguma medida, valem para o conjunto — e, por isso, talvez faça sentido relembrá-las:

É verdadeiramente uma honra e uma alegria estar aqui, sobretudo porque estou no meu papel preferido, que é o de intruso, uma vez que, salvo engano, sou o único expositor de todo o evento a ter nascido no Brasil — embora naquela província muito ao Sul, que é o Rio Grande, lugar de gente que sempre se viu como estranhamente brasileira, como estrangeiramente brasileira, e que tantas vezes, do ponto de vista cultural e não só geográfico, se sentiu mais próxima do que lá muitas vezes é denominado de “cultura do Prata” (Argentina e Uruguai) do que da cultura do que chamamos, no Brasil, de “centro do país” ou “eixo Rio-São Paulo”. Não estou dizendo nada que seja novidade para quem leu, por exemplo, aquele importante ensaio de Vitor Ramil que se intitula A estética do frio — ou talvez mesmo para quem apenas escutou os discos dele ou leu seus romances como Pequod e Satolep.

Digo isto a modo de introdução, para frisar que tudo que falarei aqui, nesta apresentação que terá uma configuração algo errática e, sobretudo, digamos, fugidia — condizente, portanto, com a matéria que me propus a tratar —, está radicado num modo singular de ser brasileiro e de pensar o Brasil, não a partir do seu “centro”, que é sempre uma posição enganosa, que distorce um tanto a visão das coisas (e sobretudo a visão da própria posição em meio às coisas), mas, sim, a partir de uma posição que também não se situa exatamente à “margem”, outra posição que, a meu ver, pode levar ao engano, na medida em que pressupõe uma perspectiva supostamente desimpedida a partir da qual olhar o “centro” e julgá-lo.

Falarei, em suma, a partir de uma posição que pretende ser, ou que não pode senão ser, uma posição móvel,

inevitavelmente instável e sobretudo incerta: isto é, uma posição que não comporta confiança em demasia na própria perspectiva, assim como nos próprios juízos. O que é talvez também uma definição da leitura: desconfiar da própria perspectiva e dispor-se a deslocar-se pelas perspectivas alheias. E o que farei aqui, de fato, não é mais do que ler alguns textos, buscando conexões entre eles e deles com esse estranho objeto-sujeito que esteve no centro de nossas conversas ao longo dos dias de ontem e hoje, sempre sob forma de interrogação, e que é o Brasil.



BRASIL-SINTOMA: COMO VIVER NA PÓS-HISTÓRIA?

“O homem é um ente essencialmente perdido e, quando se dá conta, procura encontrar-se.

Esta sentença pode ser lida em vários níveis, por exemplo, no nível religioso ou no nível de um bandeirante no sertão, e seu sentido é sempre este: a decisão de tomar caminho (ou abrir caminho) depende sempre de um mapa da situação na qual o homem se encontra. Isto significa que toda decisão depende não apenas da posição das coisas, mas também da imagem que fazemos da posição das coisas (provavelmente isto tem muito a ver com o problema da liberdade). Pois essa imagem, seja ela mais ou menos fiel, depende sempre de um ponto de vista, a partir do qual foi projetada, e este ponto de vista não pode, ele próprio, fazer parte da situação que enfoca.

[...] da soma das visões disponíveis pode-se fazer um mapa que se aproxima infinitamente da “verdade objetiva”, sem jamais alcançá-la. [...] Mapas verdadeiros não podem existir e, portanto, não existem. Mas seriam desnecessários, se existissem. Pelo contrário: mapas não devem ser verdadeiros, se quiserem orientar-nos. Um mapa de uma cidade, que seria fiel se a reproduzisse por inteiro, seria tão confuso quanto o é a própria cidade, e não teria utilidade alguma. Um elemento de simplificação e de exagero é essencial para todo mapa, e o ideal da objetividade é portanto sumamente duvidoso.”

Vilém Flusser, *Fenomenologia do brasileiro:
em busca do novo homem*

“O Brasil é uma República Federativa cheia de árvores e de gente dizendo adeus.
Depois todos morrem.”

Oswald de Andrade, *Serafim Ponte Grande*

Por mais que Antonio Candido tenha formulado sua ideia de “literatura empenhada” de modo sutil e tenha circunscrito historicamente o âmbito desse empenho, pode-se dizer que certa tradição crítica que reconhece nele seu principal modelo — sobretudo aquela que conhecemos hoje, *grosso modo*, como tradição uspiana (mas, friso, não só esta) — acabou por extrapolar o ideal de empenho na forma de uma cobrança dirigida à literatura brasileira como um todo, abarcando o modernismo — que, na visão de Candido, já representaria uma superação daquele modelo — e também boa parte do que veio depois.¹ Trata-se de um ato de desleitura tanto da literatura brasileira moderna e contemporânea quanto da própria obra crítica de Candido. Dentro desse paradigma, a contribuição que porventura uma obra literária dê para a *interpretação* da sociedade brasileira e, por meio desta, para a construção da nação, ainda que por meio de uma visão negativa dessa mesma construção (o paradigma aqui, como se sabe, se quer dialético), torna-se um critério decisivo para sua valoração.

Vale frisar que, em alguma medida, virtualmente nenhum crítico brasileiro contemporâneo se viu livre de incidir em atitude semelhante; e tanto é assim que a mais significativa anexação de obras literárias ao modelo da *interpretação do Brasil* é aquela oferecida por um crítico

¹ Penso sobretudo nas leituras de alguns poetas brasileiros por Iumna Maria Simon e Vinicius Dantas, de “Poesia ruim, sociedade pior” (*Novos Estudos*, 12 [jun. 1985], p. 48-61) a “Negativo e ornamental. Um poema de Carlito Azevedo em seus problemas” (*Novos Estudos*, 91 [nov. 2011], p. 109-120).

que, à primeira vista, nada deve à tradição uspiana: refiro-me a Silviano Santiago, que, ao organizar uma coleção de *Intérpretes do Brasil* para a editora Nova Aguilar, em 2000², não se limitou aos ensaios usualmente compreendidos como obras de “intérpretes do Brasil”, mas incluiu pelo menos um romance. O romance é *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, que aparece lado a lado com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (obra que, como sabemos, é problemática quanto a seu estatuto genérico, e até mesmo, pelo menos para um leitor como Luiz Costa Lima, quanto a seu caráter literário³). Também integram a coleção — cuja seleção, friso, não é óbvia — *O abolicionismo*, de Joaquim Nabuco; *A América Latina*, de Manoel Bonfim; o primeiro volume de *Populações meridionais do Brasil*, de Oliveira Viana; *Vida e morte do bandeirante*, de Alcântara Machado; *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda; *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Júnior; *A revolução burguesa no Brasil*, de Florestan Fernandes; e, por exigência dos detentores dos seus direitos autorais, toda a trilogia de Gilberto Freyre sobre o patriarcado brasileiro,

² Ou seja, no suposto aniversário de 500 anos do Brasil, e digo “suposto” porque a data do descobrimento, ou da invasão, não é pacífica como marco inicial do que seja o Brasil: pense-se, por exemplo, na importância maior, ou pelo menos igual, de 1822 — data da declaração de “independência” — para quem propôs uma semana de arte moderna no seu centenário. Cf. Silviano Santiago (org.), *Intérpretes do Brasil*, 3 v., Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

³ Cf. Luiz Costa Lima, *Terra ignota: a construção de Os Sertões*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997; *Idem*, “Os Sertões: ciência ou literatura?”, *Diálogos Latinoamericanos*, 2 (2000), p. 39-48.